

Apresentação

José Carlos Baracat Junior¹

Eis o terceiro número dos *Cadernos* dedicado à tradução de textos gregos antigos. Após o número 27, no qual havíamos vertido os fragmentos do *Contra os Galileus* do Imperador Juliano (330-363 d.C.), e o número 32, nosso embate com as *Nuvens* de Aristófanes (c. 446-386 a.C.), são aos *Fenômenos* de Arato (c. 315-240 a.C.) que agora damos voz vernácula. Assim como no caso do fragmentário tratado reconstituído de Juliano, temos a vaidosa audácia de poder dizer que apresentamos a primeira tradução para o português do poema de Arato.

Não é supérfluo lembrar, como sempre, que nosso intuito primordial é o estudo do grego antigo e a prática da tradução, com todas as dificuldades nisso envolvidas. Dificuldades, aliás, que foram maiores do que as enfrentadas nas traduções anteriores. Em primeiro lugar, ainda que a língua de Arato seja, basicamente, o mesmo dialeto épico de Homero e de Hesíodo, ela é muito mais concisa e insuflada pela herança da literatura, da filosofia e da ciência gregas de que ele faz uso consciente. O estilo deste poema carrega muito da grandiosidade épica de Homero e Hesíodo, mas está mais próximo dos ideais da estética “lépida”, precisa e sofisticada advogados por Calímaco (c. 310-240 a.C.). Isso já seria suficiente para fazer de Arato um autor mais difícil do que Aristófanes e Juliano. Em segundo lugar, o poema mitológico-astronômico de Arato trata de um campo da ciência grega com o qual não tínhamos familiaridade; a tecnicidade do vocabulário e a estranheza do objeto descrito impuseram um véu a mais entre nós e o autor. Outro complicador foi o fato de que as três edições do texto

1 Professor de Língua e Literatura Gregas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UFRGS.

grego de que dispúnhamos – Mair (1921, baseada na edição de Maass, 1893), Martin (1956) e Kidd (1997) – diferem consideravelmente entre si. Perceber as diferenças textuais e tentar entender razões das escolhas dos editores são atividades essenciais do tradutor de textos antigos, mas bem pouco exercitadas nos nossos cursos de formação.

Nossa tradução tem traços literários bem modestos. Tenta guardar algo do tom elevado do original; tenta reproduzir uma aliteração ou outra, um quiasmo ou um jogo vocabular aqui e ali; mas abre mão completamente das características métricas do original, que é um poema composto em hexâmetros dactílicos. O conteúdo das notas, salvo as justificativas de opção tradutória e outros poucos comentários, provém em larga medida das edições e traduções de Arato que pudemos consultar, em especial da eruditíssima edição de Douglas Kidd.

Diferentemente dos nossos trabalhos anteriores, buscamos desta vez uniformizar as traduções tanto quanto possível. Nos outros números, os textos foram apresentados em pequenas seções, à forma de artigos, e os tradutores tiveram maior autonomia nas suas escolhas. Neste número, todavia, preferimos apresentar a tradução do poema sem seccionamentos. Assim como antes, cada um dos treze tradutores foi responsável por um trecho do texto, mas essa partilha não é evidenciada no texto. Os versos e os tradutores estão discriminados apenas no sumário. Dentro variada beleza do poema, Arato emprega um número relativamente pequeno de verbos e substantivos para descrever os movimentos dos planetas e as posições das constelações; não nos preocupamos em estabelecer uma rigidez para esse vocabulário nas diferentes seções traduzidas pelos diferentes tradutores. Assim, por exemplo, para um verbo que um tradutor verte por “subir”, outro escolhe “elevar-se”, e assim por diante. Mas fomos rigorosos com a uniformidade dos nomes das constelações e alguns outros detalhes, como se verá. Acreditamos, dessa maneira, que o leitor que percorrer todo o poema dificilmente notará as diferentes penas que o traduziram. Cabe ainda dizer que cada tradutor foi o responsável pela anotação do trecho assignado a ele. Como editor, inseri algumas poucas notas ao longo do texto e remanejei outras poucas, formuladas pelo tradutor de uma seção posterior, para uma seção anterior, na qual eram mais necessárias.

Os astrônomos e meteorologistas tradutores deste número, além deste organizador, são: Nykolas Friedrich Von Peters Correia Motta, doutorando em Filosofia na UFRGS; Raphael Zillig, professor do Departamento de Filosofia da UFRGS; Filipe Klein de Oliveira, mestrando em Filosofia na UFRGS; Luciana Malacarne, licenciada em Filosofia pela UFRGS e atual professora de Grego do NELE/UFRGS; C. Leonardo B. Antunes, professor de Língua e Literatura Gregas do Declave/UFRGS; Cesar Lopes Gemelli, mestre em Clássicas pela Universidade de Notre Dame e doutorando em Literatura pela Universidade Estadual de Ohio; Márcio Felix Jobim, mestre em Direito pela UFRGS e graduando em

Filosofia pela mesma universidade; Inara Zanuzzi, professora do Departamento de Filosofia da UFRGS; Eduardo F. Laschuk, professor do Departamento de Química da PUC-RS; André Luiz Cruz Souza, doutor em Filosofia pela UFRGS; Isabel Cristina Dalmoro, graduanda em Filosofia pela UFRGS; e Rafael Matiello Brunhara, professor de Língua e Literatura Gregas do Declave/UFRGS.

As obras de que nos servimos para esta tradução dos *Fenômenos* de Arato foram:

- Bekker, I. 1828. *Aratus cum Scholiis*. Berlin.
- Dorda, E.C. 1993. *Arato, Fenómenos. Gémino, Introducción a los Fenómenos*. Madrid: Gredos.
- Kidd, D. 1997. *Aratus, Phaenomena*. Edited with introduction, translation and commentary. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mair, G.R. 1921. *Callimachus, Lycophron, Aratus*. London/New York: Heinemann/Putnam's Son.
- Martin, J. 1956. *Arati Phaenomena*. Introduction, texte critique, commentaire et traduction. Firenze: La Nuova Italia.

Dessas obras, apenas Dorda e Kidd aparecem citados nominalmente nas notas de rodapé. Da edição de Bekker, consultamos apenas os escólios, algumas vezes por intermédio de Dorda e Kidd. Nosso acesso à obra de Martin se deu através do *Thesaurus Linguae Graecae*, que se restringe ao texto, sem o aparato crítico e o comentário. É vital advertir que nossa tradução segue fielmente o texto grego da edição de Kidd, da qual não encontramos razão para discordar, mas que o texto grego incluído no final deste volume é o de Martin, que já se encontrava digitalizado.

Destacamos ainda que o magnífico prefácio deste número foi escrito por Richard Hunter, professor emérito da Universidade de Cambridge, uma das estrelas mais brilhantes na constelação acadêmica dos estudos clássicos. É impossível agradecer suficientemente a generosidade e a gentileza do professor Hunter, ao aceitar contribuir para esta nossa modesta publicação.

Agradeço ainda aos editores dos *Cadernos de Tradução* – Gerson Roberto Neumann, Karina de Castilhos Lucena, Maria Cristina da Silva Martins e Denise Sales – pela paciência e pelo suporte; e ao Leandro Bierhals, pela cuidadosa editoração. Aos meus amigos e colegas de Departamento, Leonardo Antunes e Rafael Brunhara, transmito minha terna gratidão pela interlocução e pela ajuda em diversos momentos da preparação deste número. Não sou menos ternamente grato aos demais participantes desta tradução por sua dedicação e comprometimento.

Porto Alegre, junho de 2016